



MISES: Interdisciplinary Journal of
Philosophy, Law and Economics

ISSN: 2318-0811

editor@mises.org.br

Instituto Mises Brasil
Brasil

von Mises, Ludwig
As Consequências Psicológicas da Burocratização
MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics, vol. 3, núm. 2, julio-
diciembre, 2015, pp. 537-546
Instituto Mises Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586361410021>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As Consequências Psicológicas da Burocratização*

*Ludwig von Mises***

Resumo: No presente trabalho, o autor discute as consequências psicológicas de preferir um ambiente social e econômico marcado pela organização burocrática ao invés de uma organização econômica racional pautada pelos preços de mercado. No caso da vida social e econômica caracterizada pela burocratização crescente, a tutela paternalista tende a se tornar autoritária e desfavorável ao fortalecimento do senso crítico, sem o qual cria-se a falsa ilusão de que pode haver liberdade sob um sistema de total arregimentação.

Palavras-chave: Política, Economia, Burocracia, Sociedade.

The Psychological Consequences of Bureaucratization

Abstract: In this work, the author discusses the psychological consequences of preferring a social and economic environment characterized by bureaucratic organization instead of a rational economic organization based on market prices. In the case of a social and economic life characterized by increasing bureaucratization, the paternalistic tutelage tends to become authoritarian and unfavorable to the strengthening of the critical sense, without which a false belief emerges, the idea that it is possible to have liberty under a system of complete regimentation.

Keywords: Politics Economics, Bureaucracy, Society.

Classificação JEL: B53, Z13.

* Texto publicado pela primeira vez em inglês no ano de 1944 como sexto capítulo do livro *Bureaucracy*. A presente tradução foi feita a partir da seguinte edição: MISES, Ludwig von. *The Psychological Consequences of Bureaucratization*. In: *Bureaucracy*. New Haven: Yale University Press, 1944. p. 74-92. Traduzido do original em inglês para o português por Heloisa Gonçalves Barbosa.

** **Ludwig von Mises** nasceu em 29 de setembro de 1881 na cidade de Lviv, atualmente na Ucrânia e na época parte do território do Império Austro-Húngaro. Estudou, a partir de 1900, na Universidade de Viena, e recebeu o título de Doutor em Direito por essa mesma instituição em 1906. Lecionou na Universidade de Viena de 1913 a 1934, no Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais em Genebra de 1934 a 1940 e na New York University de 1945 a 1969. É autor de centenas de artigos acadêmicos e de mais de vinte livros dentre os quais se destaca o tratado de economia *Ação Humana* (São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010). Faleceu no dia 10 de outubro de 1973 em Nova York, nos Estados Unidos.

I - O MOVIMENTO DA JUVENTUDE ALEMÃ

Os intelectuais torcem o nariz para a filosofia de Horatio Alger (1832-1899). No entanto, melhor do que ninguém, Alger foi capaz de ressaltar o aspecto mais característico da sociedade capitalista. O capitalismo é um sistema em que todos têm oportunidade de adquirir riqueza, pois fornece oportunidades ilimitadas a todos. É claro, porém, que nem todos são favorecidos pela sorte: pouquíssimos se tornam milionários. No entanto, todos estão conscientes de que o trabalho árduo, e nada menos do que o trabalho árduo, traz resultados. Todos os caminhos estão abertos para o jovem esperto, que é otimista por ter consciência de sua própria força: possui autoconfiança e está cheio de esperança. E, à medida que envelhece e percebe que muitos de seus planos se frustraram, não vê motivo para se desesperar. Seus filhos vão entrar na disputa de novo e ele não vê nenhum motivo para que não venham a ter sucesso onde ele próprio fracassou. Vale a pena viver a vida porque há tantas expectativas.

Tudo isso era literalmente verdadeiro nos Estados Unidos. Na velha Europa ainda sobreviviam muitas restrições herdadas do *ancien régime*. Ainda no auge do liberalismo, a aristocracia e o funcionalismo lutavam pela manutenção de seus privilégios. Nos Estados Unidos, porém, não havia tais vestígios da Idade das Trevas. Neste sentido, tratava-se de um país jovem, e era um país livre. Aqui não existiam nem regulamentações industriais nem guildas. Thomas Alva Edison (1847-1931) e Henry Ford (1863-1947) não tiveram de superar quaisquer obstáculos erguidos por governos míopes e uma opinião pública tacanha.

Sob tais condições, a nova geração é motivada pelo espírito do pioneirismo. Está nascendo em uma sociedade em progresso que percebe que sua tarefa é dar uma contribuição para melhorar as relações humanas. Esta geração irá mudar o mundo, moldá-la de acordo com suas próprias ideias. Não tem tempo a perder; é dela o amanhã e deve preparar-se

para as grandes coisas que a esperam. Não fala em ser jovem e sobre os direitos da juventude; age como os jovens devem agir. Não se gaba de seu próprio “dinamismo”; é dinâmica e não há nenhuma necessidade de enfatizar essa qualidade. Não desafia a geração mais velha com um discurso arrogante. Quer superá-la com seus atos.

Porém, a situação fica bem diversa diante da crescente onda de burocratização. Os empregos públicos não oferecem nenhuma oportunidade para o desenvolvimento de talentos e dons pessoais. A arregimentação prenuncia a ruína da iniciativa. O jovem não tem ilusões sobre seu futuro, mas sabe o que lhe está reservado: vai conseguir um emprego em uma das inúmeras repartições, vai ser apenas mais uma engrenagem de uma enorme máquina cujo funcionamento é mais ou menos mecânico. A rotina de uma técnica burocrática irá debilitar sua mente e amarrar suas mãos. Irá desfrutar de segurança, mas essa segurança será semelhante àquela que o condenado usufrui dentro dos muros da prisão. Nunca terá liberdade de tomar decisões e moldar seu próprio destino. Será, para sempre, um indivíduo sob os cuidados de outros. Nunca será um homem de verdade, contando com sua própria força. Estremece ao vislumbrar os enormes prédios de escritórios em que vai enterrar-se.

Na década anterior à Primeira Guerra Mundial, a Alemanha, o país mais avançado que trilhava o caminho em direção à arregimentação burocrática, assistiu ao surgimento de um fenômeno até então inédito: o movimento da juventude. Turbulentas gangues de moças e rapazes desmazelados percorriam o país, fazendo muito barulho e fugindo de seus deveres escolares. Com palavras bombásticas, anunciavam o evangelho de uma idade de ouro. Todas as gerações anteriores, enfatizavam, eram simplesmente idiotas; sua incapacidade converteu a Terra em um inferno. Mas a nova geração não está mais disposta a suportar a gerontocracia, a supremacia da senilidade impotente e imbecil. A partir de agora, jovens brilhantes é que governarão. Des-

truirão tudo o que é velho e inútil, rejeitarão tudo o que era caro a seus pais, substituirão as antiquadas e falsas ideologias da civilização capitalista e burguesa por novas ideologias e valores reais e sólidos, e construirão uma nova sociedade de gigantes e super-homens.

A inflada verborreia desses adolescentes era apenas um mau disfarce para sua total falta de ideias e de qualquer programa definido. Nada tinham a dizer, apenas isso: nós somos jovens e, portanto, fomos escolhidos; somos talentosos porque somos jovens; somos os arautos do futuro; somos os inimigos mortais da burguesia podre e dos filisteus. E, se alguém não tivesse medo de lhes perguntar quais eram seus planos, tinham apenas uma resposta: nossos líderes vão resolver todos os problemas.

Sempre coube à nova geração provocar mudanças. Porém, o traço característico do movimento da juventude era que não tinham nem novas ideias, nem planos. Denominaram sua ação de movimento da juventude exatamente porque não dispunham de qualquer programa cujo nome pudessem utilizar para batizar seus esforços. Na verdade, aderiam inteiramente ao programa de seus pais. Não se opunham à tendência à onipotência do governo e à burocratização. Seu radicalismo revolucionário havia nada mais era do que a insolência típica dos anos entre a infância e a idade adulta; foi um fenômeno que resultou de uma puberdade prolongada. Era destituído de qualquer conteúdo ideológico.

Os líderes do movimento juvenil eram neuróticos mentalmente desequilibrados. Muitos deles estavam afetados por uma mórbida sexualidade: eram depravados ou homossexuais. Nenhum deles se destacou em qualquer campo de atividade ou contribuiu com alguma coisa para o progresso humano. Desde há muito foram esquecidos seus nomes; a única marca que deixaram foram alguns livros e poemas que pregavam a perversão sexual. Contudo, a maior parte de seus seguidores era bem diferente. Tinha um só objetivo: conseguir, o mais rápido possível, um emprego com o governo. Aqueles que não

foram mortos nas guerras e revoluções são hoje burocratas pedantes e tímidos nas inúmeras repartições da *Zwangswirtschaft* (economia controlada) alemã. São fiéis e obedientes escravos de Adolf Hitler (1889-1945). Mas serão faz-tudo não menos fiéis e obedientes do sucessor de Hitler, quer seja ele um nacionalista alemão ou um fantoche de Joseph Stalin (1878-1953).

Da Alemanha, o movimento da juventude se espalhou para outros países. O fascismo italiano mascarou-se de movimento da juventude. A canção do partido, "*Giovinezza*" (Juventude), é um hino à juventude. Seu bufão, *il Duce*, com quase sessenta anos, ainda se gabava de seu vigor juvenil e desejava esconder sua idade tanto quanto uma dama coquete. No entanto, a única preocupação dos soldados rasos fascistas era conseguir um emprego no governo. Na época da guerra etíope, este autor pediu a alguns alunos de pós-graduação de uma das grandes universidades italianas que explicassem sua hostilidade para com a França e a Grã-Bretanha. A resposta foi surpreendente: "A Itália", disseram, "não oferece oportunidades suficientes para a sua *intelligentsia*. Queremos conquistar colônias britânicas e francesas a fim de obter, na administração destes territórios, os postos de trabalho que estão agora nas mãos de burocratas ingleses e franceses".

O movimento da juventude expressava o mal-estar que os jovens sentiam diante das perspectivas sombrias que a tendência geral à arregimentação lhes oferecia. Entretanto, tratava-se de um simulacro de rebelião, fadada ao fracasso porque não se atrevia a lutar com seriedade contra a crescente ameaça do controle total pelo governo e do totalitarismo. Os pretensos manifestantes tumultuosos eram impotentes porque estavam sob o feitiço de superstições totalitárias. Entregavam-se a tagarelices subversivas e cantavam canções inflamadas, mas, antes de tudo, queriam empregos no governo.

Hoje, nos países que mais avançaram no caminho para o totalitarismo, está defunto o movimento da juventude. Na Rússia, na

Alemanha e na Itália, as crianças e os adolescentes estão firmemente integrados no aparelho superabrange do controle pelo Estado. Desde a mais tenra idade, as crianças tornam-se membros de organizações políticas. Desde o berço até o túmulo, todos os cidadãos estão sujeitos à máquina do sistema de partido único, obrigados a obedecer sem fazer perguntas. Não são permitidos associações ou encontros “privados”. O aparelho oficial não tolera qualquer tipo de concorrência. A ideologia oficial não tolera dissidentes. É essa a realidade da utopia burocrática.

II - O DESTINO DA NOVA GERAÇÃO DENTRO DE UM AMBIENTE BUROCRÁTICO

O movimento da juventude foi uma revolta impotente e abortiva da juventude contra a ameaça da burocratização. Estava condenado por não atacar a raiz do mal, a tendência para a socialização. De fato, nada mais era que uma maneira confusa de expressar mal-estar, sem nenhuma clareza de ideias ou planos definitivos. Os adolescentes revoltados estavam tão completamente sob o feitiço das ideias socialistas que simplesmente não sabiam o que queriam.

É evidente que a juventude é a primeira vítima da tendência à burocratização. Os jovens são privados de qualquer oportunidade de moldar seu próprio destino. Para eles, não resta nenhuma oportunidade. São, de fato, “gerações perdidas”, pois lhes falta o direito mais precioso de cada nova geração, o direito de contribuir com algo novo para o antigo acervo da civilização. O slogan “a humanidade alcançou o estágio da maturidade” é sua ruína. O que são jovens a quem nada resta para mudar e melhorar? Cujas únicas perspectivas é apenas começar no degrau mais baixo da escada burocrática e subir lentamente em estrita observância das regras formuladas por superiores mais velhos? De seu ponto de vista, a burocratização significa a sujeição do jovem à dominação do velho.

Isso equivale a um retorno a uma espécie de sistema de castas.

Entre todas as nações e civilizações – nas eras que precederam a ascensão do liberalismo moderno e seu fruto, o capitalismo – a sociedade se baseava no status. A nação era dividida em castas. Havia castas privilegiadas, como reis e nobres, e castas mais desfavorecidas, como servos e escravos. O homem nascia em uma casta definida, permanecia nela durante toda sua vida e legava seu status de casta a seus filhos. Aquele que nascesse em uma das castas mais baixas seria sempre privado do direito de alcançar uma posição social reservada para os privilegiados. O liberalismo e o capitalismo aboliram todas essas discriminações e tornaram todas as pessoas iguais perante a lei. Agora, praticamente todos têm liberdade de competir para ocupar qualquer lugar na comunidade.

O marxismo proporciona uma interpretação diferente das realizações do liberalismo. O principal dogma de Karl Marx (1818-1883) é a doutrina do irreconciliável conflito de classes econômicas. A sociedade capitalista é dividida em classes cujos interesses são antagônicos. Assim, é inevitável a luta de classes, que só desaparecerá na futura sociedade sem classes do socialismo.

O fato mais notável sobre esta doutrina é que nunca foi explanada de maneira explícita. No *Manifesto Comunista*, as instâncias utilizadas para a exemplificação das lutas de classes são tomadas a partir do conflito entre castas. Em seguida, Marx acrescenta que a moderna sociedade burguesa estabeleceu novas classes. Todavia, nunca explicou o que constitui uma classe ou o que tinha em mente ao falar de classes e antagonismos de classe e da correlação entre classes e castas. Todos os seus escritos giram em torno desses termos sem definição. Embora incansável na publicação de livros e artigos cheios de definições sofisticadas e minúcias acadêmicas, Marx nunca tentou explicar em linguagem inequívoca qual é a marca característica de uma classe econômica. Quando morreu, trinta e cinco anos depois da publicação do *Manifesto Comunista*, deixou

inacabado o manuscrito do terceiro volume de seu principal tratado, *O Capital*. E, de forma muito significativa, o manuscrito é interrompido justamente no momento em que deveria ser oferecida a explicação dessa noção fundamental de toda sua filosofia. Nem Marx nem qualquer um da miríade de escritores marxistas seriam capazes de nos dizer o que é uma classe social, quanto mais nos dizer se essas classes sociais realmente desempenham, na estrutura social, o papel atribuído a elas na doutrina.

É claro que, do ponto de vista lógico, é permissível classificar coisas de acordo com qualquer peculiaridade escolhida. A questão é apenas saber se uma classificação com base nas peculiaridades escolhidas é útil para uma investigação mais aprofundada e para o esclarecimento e ampliação de nosso conhecimento. A questão é, portanto, não se as classes marxistas realmente existem, mas se realmente têm a importância que lhes atribui Marx. Marx não conseguiu apresentar uma definição precisa do conceito de classe social, que utilizou em todos os seus escritos de forma imprecisa e indeterminada, porque uma definição clara teria desmascarado sua futilidade e inutilidade para lidar com os problemas econômicos e sociais e o absurdo de correlacioná-las às castas sociais.

A rigidez é a principal característica de uma casta. As classes sociais, como citadas por Marx ao considerar capitalistas, empresários e assalariados como pertencentes a classes distintas, são caracterizadas por sua flexibilidade. Há uma permanente mudança na composição das diferentes classes. Onde estão hoje os descendentes daqueles que, nos dias de Marx, eram empresários? E onde estavam os ancestrais dos empresários contemporâneos nos dias de Marx? Na moderna sociedade capitalista, o acesso às várias posições sociais é aberto a todos. Podemos considerar os senadores dos Estados Unidos como uma classe sem violar princípios lógicos. Porém, seria um erro correlacioná-los a uma casta aristocrática hereditária, não obstante o fato de que al-

guns senadores podem ser descendentes de senadores de dias passados.

Já foi salientado que as forças anônimas que operam no mercado continuamente determinam novamente quem deve ser empresário e quem deveria ser capitalista. Os consumidores votam, por assim dizer, naqueles que deverão ocupar as posições mais elevadas no cenário da estrutura econômica da nação.

Agora, no socialismo, não existem nem empresários, nem capitalistas. Neste sentido, aquilo a que Marx chamou de “classe” deixará de existir; ele estava certo em chamar o socialismo de uma sociedade sem classes. Mas isso não traz nenhum proveito. Haverá outras diferenças nas funções sociais, às quais podemos chamar de classes, com certeza com não menos justificativa do que Marx. Haverá aqueles que emitirão ordens e aqueles que serão obrigados a obedecer incondicionalmente a essas ordens; haverá aqueles que fazem planos e aqueles cuja tarefa é executar esses planos.

Só é válido o fato de que, no capitalismo, todos são os arquitetos de seu próprio destino. Um menino ansioso para melhorar sua própria sorte deve confiar em sua própria força e em seu próprio esforço. Os votos dos consumidores ditam sentenças sem levar em conta os indivíduos. São valorizadas as realizações do candidato, não a sua pessoa. O trabalho bem feito e os serviços bem prestados são os únicos meios para se obter sucesso.

No socialismo, ao contrário, o iniciante deve agradar aqueles que já estão estabelecidos. Contudo, os recém-chegados muito eficientes não lhes agradam. (Nem tampouco os antigos empresários estabelecidos apreciam esses indivíduos; porém, na supremacia dos consumidores, não podem impedir sua concorrência.) Na máquina burocrática do socialismo, o caminho em direção à promoção não é a conquista, mas o favor dos superiores. A juventude depende inteiramente da atitude benévola dos velhos. A nova geração está à mercê dos idosos.

É inútil negar este fato. Não há classes marxistas dentro de uma sociedade socialista.

Porém, há um conflito irreconciliável entre os que são a favor de Stalin e de Hitler e aqueles que não o são. E é simplesmente humano que um ditador prefira aqueles que compartilham suas opiniões e elogiem seu trabalho em detrimento daqueles que não as compartilham.

Foi em vão que os fascistas italianos fizeram de um hino à juventude a canção de seu partido e que os socialistas austríacos ensinaram as crianças a cantar: "Nós somos jovens e isso é bom". Não é bom ser um homem jovem sob uma gestão burocrática. O único direito de que os jovens desfrutam sob este sistema é de serem dóceis, submissos e obedientes. Não há espaço para os inovadores indisciplinados que têm suas próprias ideias.

Trata-se de algo mais do que uma crise da juventude. É uma crise do progresso e da civilização. A humanidade está condenada quando os jovens são privados da oportunidade de remodelar a sociedade a seu próprio modo.

III - A TUTELA AUTORITÁRIA E O PROGRESSO

Um governo paternalista exercido por uma categoria de homens nobres e sábios, por qualquer elite de nobres burocratas, pode reivindicar um eminente defensor: Platão (427-347 a.C.).

O Estado ideal e perfeito de Platão deve ser governado por filósofos altruístas. Trata-se de juízes incorruptíveis e administradores imparciais que respeitam com rigor as imutáveis leis eternas da justiça. Pois este é o traço característico da filosofia de Platão: não dá nenhuma atenção à evolução das condições sociais e econômicas ou às mudanças nas ideias humanas sobre meios e fins. Existe o padrão eterno do bom Estado, e qualquer desvio das condições reais desse modelo nada mais é do que corrupção e degradação. O problema é apenas estabelecer uma sociedade perfeita e, em seguida, poupá-la de qualquer alteração, uma vez que qualquer

mudança será equivalente à deterioração. As instituições sociais e econômicas são rígidas. A noção de progresso no conhecimento, nos procedimentos tecnológicos, nos métodos empresariais e na organização social é estranha à mente de Platão. E todos os utopistas posteriores que moldaram os planos de seus paraísos terrestres de acordo com o exemplo de Platão também acreditavam na imutabilidade dos assuntos humanos.

O ideal platônico de um governo pela elite foi posto em prática pela Igreja Católica. A Igreja Romana, no âmbito da organização tridentina, tal como se desenvolveu a partir da Contrarreforma, constitui uma burocracia perfeita. Teve sucesso na resolução do problema mais delicado de todos os governos não democráticos: selecionar o alto escalão. O acesso às mais elevadas dignidades da Igreja está aberto a praticamente qualquer menino. O padre local anseia por suavizar o caminho da educação para os jovens mais inteligentes de sua paróquia, que são treinados no seminário do Bispo; uma vez ordenados, suas carreiras futuras dependem inteiramente de seu caráter, zelo e intelecto. Há, entre os prelados, muitos descendentes de famílias nobres e ricas. No entanto, não devem seu cargo a sua ascendência, pois necessitam competir, em condições quase iguais, com os filhos de pobres camponeses, operários e servos. Os príncipes da Igreja Católica, os abades e os professores das universidades teológicas formam um conjunto de homens eminentes. Até mesmo nos países mais avançados, são rivais dignos dos estudiosos, filósofos, cientistas e estadistas mais brilhantes.

É a este maravilhoso processo que os autores de todas as utopias socialistas modernas utilizam como exemplo. A situação é evidente com dois precursores do atual socialismo: o conde Henri de Saint-Simon (1760-1825) e Auguste Comte (1798-1857). Entretanto, ocorre essencialmente o mesmo com a maioria dos outros autores socialistas, embora, por razões óbvias, não indicassem a Igreja como modelo. Não há nenhum pre-

cedente de hierarquia perfeita além da apresentada pelo catolicismo.

No entanto, a referência à Igreja é falaciosa. O reino do Cristianismo que o Papa e os demais Bispos administram não está sujeito a qualquer alteração, pois foi erigido sobre uma doutrina perene e imutável. O credo foi estabelecido para sempre. Não há progresso, nem evolução. Existe apenas a obediência à lei e ao dogma. Os métodos de seleção adotados pela Igreja são muito eficientes para o governo de uma organização que se atém a um conjunto indiscutível e imutável de regras e regulamentos. São perfeitos na escolha dos guardiões de um tesouro eterno de doutrina.

Todavia, é diferente a situação da sociedade humana e do governo civil. É o mais precioso privilégio do homem lutar incessantemente por melhorias e lutar pelos melhores métodos contra os obstáculos que a natureza opõe à sua vida e bem-estar. Este impulso inato transformou os descendentes dos rudes habitantes das cavernas nos homens mais ou menos civilizados de nossa era. A humanidade, porém, ainda não atingiu um estado de perfeição para além do qual nenhum progresso é possível. As forças que geraram nossa civilização atual não estão mortas. Se não forem atreladas a um rígido sistema de organização social, seguirão em frente e trarão mais melhorias. O princípio seletivo de acordo com o qual a Igreja Católica escolhe seus futuros chefes é a inabalável devoção ao credo e a seus dogmas. Não procura inovadores e reformadores, pioneiros de novas ideias radicalmente opostas às antigas. É esta a situação que se salvaguarda quando os futuros executivos de alto escalão são designados por antigos e experimentados governantes atuais. Nenhum sistema burocrático é capaz de conseguir algo diferente. Mas é precisamente este conservadorismo inflexível que torna os métodos burocráticos totalmente inadequados para a condução dos assuntos sociais e econômicos.

A burocratização é necessariamente rígida, pois envolve o cumprimento de regras e práticas estabelecidas. Porém, na vida social, a

rigidez equivale à petrificação e à morte. É um fato muito significativo que a estabilidade e a segurança sejam as palavras de ordem favoritas dos atuais “reformadores”. Se os homens primitivos tivessem adotado o princípio da estabilidade, jamais teriam obtido segurança; há muito, teriam sido eliminados por animais de rapina e micróbios.

Foram marxistas alemães que criaram a máxima: se o socialismo é contra a natureza humana, então se deve mudar a natureza humana. Não percebiam que, se for alterada a natureza humana, o homem deixa de ser humano. Em um sistema burocrático total, nem os burocratas nem seus súditos jamais seriam verdadeiros seres humanos.

IV - A SELEÇÃO DO DITADOR

Todos os defensores da salvação através do governo por nobres déspotas assumem despreocupadamente que não pode haver qualquer dúvida sobre a questão de quem deve ser este sublime governante ou classe de governantes e que todos os homens voluntariamente cederão à supremacia deste ditador ou aristocracia sobre-humanos. Não percebem que muitos homens e grupos de homens poderiam reivindicar para si mesmos tal primazia. Se a decisão entre vários candidatos não for atribuída aos votos da maioria, não resta nenhum princípio de seleção que não seja a guerra civil. A alternativa para o princípio democrático de seleção através da eleição popular é a tomada do poder por aventureiros sem escrúpulos.

No século II depois de Cristo, o Império Romano era governado de acordo com uma elaboração sublime do princípio do Führer. O Imperador era o homem mais capaz e eminente. Não legava sua dignidade a um membro de sua família, mas escolhia como sucessor o homem a quem considerava melhor equipado para o cargo. Este sistema deu ao Império uma sucessão de quatro grandes monarcas: Trajano (53-117), Adriano (76-138), Antonino Pio (86-161) e Marco Aurélio (121-

180). Mas, em seguida, veio a era dos pretorianos, a guerra civil contínua, a anarquia e a rápida deterioração. O governo dos melhores foi substituído pelo governo do pior. Generais ambiciosos, apoiados por mercenários, tomaram o poder e governaram até que outro aventureiro os derrotou. Traição, rebelião e assassinato tornaram-se o princípio seletivo. Os historiadores culpam a Marco Aurélio, o último dos bons imperadores. É culpado, dizem, porque abandonou as práticas de seus antecessores e, em vez de escolher o homem mais adequado, instaurou seu filho Cômodo (161-192), um incompetente. No entanto, o sistema que pode ser arruinado pelas falhas de um só homem é um mau sistema, mesmo se a falha fosse menos perdoável e aceitável do que a de um pai que supervaloriza o caráter e a capacidade de sua prole. A verdade é que um sistema de Führer como este necessariamente resulta em guerra civil permanente, tão logo haja vários candidatos para o cargo supremo.

Todos os ditadores de hoje assumiram seus cargos por meio da violência. Mais tarde, tiveram de defender sua supremacia contra as aspirações dos rivais. A linguagem política cunhou um termo especial para se referir a essas ações: são denominados *expurgos*. Os sucessores desses ditadores subirão ao poder através dos mesmos métodos e irão aplicar a mesma crueldade e desumanidade a fim de mantê-lo. A base última de um sistema burocrático completo é a violência. A segurança que supostamente oferece é o caos da guerra civil sem fim.

V - O DESAPARECIMENTO DO SENSO CRÍTICO

Os socialistas afirmam que o capitalismo é degradante, que é incompatível com a dignidade do homem, que enfraquece a capacidade intelectual do homem e corrompe sua integridade moral. Sob o capitalismo, insistem, todos devem ver seus semelhantes como

concorrentes. Desta forma, os instintos humanos inatos de benevolência e companheirismo são convertidos em ódio e cruel disputa pelo sucesso pessoal em detrimento de todas as outras pessoas. Entretanto, o socialismo irá restaurar as virtudes da natureza humana. O companheirismo, a fraternidade e a camaradagem serão as características do homem futuro. O que é necessário, em primeiro lugar, é eliminar aquele que é o pior de todos os males, a concorrência.

No entanto, jamais se poderá eliminar a concorrência. Uma vez que sempre haverá posições a que os homens atribuem maior valor do que a outras, lutarão por elas e tentarão superar seus rivais. É irrelevante se denominamos a isso emulação, rivalidade ou concorrência. De qualquer forma, de uma maneira ou de outra, é preciso decidir se um indivíduo deve ou não conseguir o emprego para o qual se está candidatando. A questão é apenas que tipo de concorrência deve existir.

A versão capitalista da concorrência é superar outras pessoas no mercado através da oferta de produtos melhores e mais baratos. A versão burocrática consiste em intrigas nos “tribunais” de quem ocupa o poder.

Havia uma boa quantidade de bajulação, adulação, servilismo e lisonja nos tribunais de todos os governantes despóticos. No entanto, sempre houve alguns homens, pelo menos, que não tinham medo de dizer a verdade um tirano. É diferente em nossos dias. Políticos e escritores superam uns aos outros na adulação do soberano, o “homem comum”. Não ousam prejudicar sua popularidade pela expressão de ideias impopulares. Os cortesãos de Luís XIV (1638-1715) nunca foram tão longe quanto algumas pessoas vão hoje ao elogiar os Führers e seus defensores, as massas. Parece que nossos contemporâneos perderam todo o senso comum e autocrítica.

Em um Congresso do Partido Comunista, um escritor chamado Avdyenko dirigiu-se a Stalin nestes termos:

Séculos passarão e as gerações comunistas do futuro nos considerarão os mais felizes de todos os mortais que habitaram este pla-

neta ao longo dos tempos, porque assistimos a Stalin o líder genial, Stalin o sábio, o sorridente, o brioso, o supremamente simples. Quando me defrontei com Stalin, mesmo à distância, vibrei com sua contundência, seu magnetismo e sua grandeza. Queria cantar, gritar, uivar de alegria e exaltação¹.

Um burocrata que se dirige a seu superior hierárquico, de quem depende sua promoção, é menos poético, mas não menos rasante.

Quando, no jubileu de diamante do Imperador Francisco José (1830-1916), um estatístico creditou ao Imperador o fato de que, após sessenta anos de seu reinado, o país tinha muitos milhares de milhas de estradas de ferro, enquanto que, no início, havia muito menos, o público (e, provavelmente, o próprio Imperador) simplesmente riu de tal bajulação. Entretanto, ninguém riu quando o governo soviético, na Feira Mundial de Paris e Nova York, de forma exibicionista, se vangloriou do fato de que, enquanto a Rússia dos czares não empregava nenhum trator, um quarto de século mais tarde, já havia imitado esta nova invenção americana.

Ninguém jamais acreditou que o absolutismo paternalista de Maria Teresa da Áustria (1717-1780) e seu neto Francisco I da Áustria (1768-1835) se justificasse pelo fato de que Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), Joseph Haydn (1732-1809), Ludwig van Beethoven (1770-1827) e Franz Schubert (1797-1828) compusessem músicas imortais. Porém, a sinfonia de um compositor russo contemporâneo, que provavelmente será esquecido após alguns anos, é reivindicada como prova da eminência do totalitarismo soviético.

A questão é saber qual sistema é mais eficiente: o sistema de controle burocrático ou o sistema de liberdade econômica. Esta pergunta só pode ser respondida por meio do raciocínio econômico. A mera afirmação do fato de que os cigarros produzidos pelo

monopólio do tabaco do governo francês não eram tão ruins a ponto de induzir os franceses a deixarem de fumar não é um argumento a favor de que o governo controle este setor. Tampouco serve como justificativa o fato de que os cigarros fabricados pelo monopólio do governo grego terem deleitado os fumantes. Não é mérito dos burocratas gregos que as condições climáticas e físicas de seu país façam com que o tabaco produzido pelos camponeses seja delicado e aromático.

Cada alemão tinha como certo que a essência e a natureza das coisas tornam imperativo que as universidades, estradas de ferro, telégrafos e telefones sejam geridos pelo governo. Para um russo, sempre pareceu paradoxal a ideia de que um homem possa viver sem um passaporte, devidamente emitido e autenticado pela polícia. Sob as condições que se desenvolveram nos últimos trinta anos, os cidadãos da Europa continental se tornaram meros acessórios de seus documentos de identificação. Em muitos países, era arriscado sair para dar uma volta sem esses documentos. Na maioria dos países europeus, o indivíduo não tinha liberdade de passar a noite em algum lugar sem imediatamente informar ao departamento de polícia local onde dormiria e cada mudança de endereço².

É possível que se obtenha algum benefício de tal arregimentação. Obviamente, esta não é muito útil no combate ao crime e na perseguição de criminosos. Um assassino foragido não vai se preocupar de violar uma lei que exige um relatório sobre qualquer mudança de endereço³. Os burocratas são melodramá-

¹ Conforme citado por CHAMBERLIN, William Henry. **Collectivism: A False Utopia**. New York: The Macmillan Company, 1937. p. 43.

² Assim, os arquivos dos departamentos de polícia de muitas cidades europeias fornecem informações completas, cobrindo os últimos cem ou mesmo cento e cinquenta anos, relativas às estadas de todos os residentes ou visitantes e todas as suas mudanças de endereço. De fato, uma fonte inestimável de conhecimentos, já bem explorada, para biógrafos.

³ Parece estranho para os norte-americanos que, em muitos julgamentos europeus, o júri precise responder a duas perguntas: Primeiro, o réu é culpado de ter assassinado a vítima? Segundo, o réu é culpado de não ter informado regularmente sua mudança de endereço?

ticos na defesa de seu sistema. Perguntam ao público como as pobres crianças abandonadas poderiam encontrar novamente seus pais inescrupulosos. Não mencionam que um detetive inteligente pode ser capaz de encontrá-los. Além disso, o fato de que existem alguns canalhas não pode ser considerado um motivo suficiente para restringir a liberdade da imensa maioria das pessoas decentes.

Uma empresa com fins lucrativos é sustentada pelo patrocínio voluntário do público. Não conseguirá subsistir se não choverem clientes. As repartições, por outro lado, adquirem seus “clientes” à força. O fato de uma repartição ser abordada por muitas pessoas não é prova de estar satisfazendo uma necessidade urgente do povo. Mostra apenas que interfere com assuntos que são importantes para a vida de todos.

O desvanecimento do senso crítico é uma ameaça grave para a sobrevivência de nossa civilização. Torna mais fácil que os charlatões enganem as pessoas. É incrível que os estratos instruídos sejam mais ingênuos do que os menos educados. Os mais entusiastas apoiadores do marxismo, nazismo e fascismo eram os intelectuais, não as pessoas mais rudes. Os intelectuais jamais se entusiasmaram o bastante para enxergarem as contradições manifestas de seus credos. Não prejudicou

nem um pouco a popularidade do fascismo o fato de que Benito Mussolini (1883-1945), em um mesmo discurso, elogiasse os italianos como os representantes da mais antiga civilização ocidental e como a mais jovem entre as nações civilizadas. Nenhum nacionalista alemão se preocupou quando Hitler, com seus cabelos escuros, o corpulento Hermann Göring (1893-1946) e o coxo Joseph Goebbels (1897-1945) foram elogiados como brilhantes representantes da heroica raça superior ariana de pessoas altas, magras e de cabelos louros. Não é surpreendente que muitos milhões de não russos estejam firmemente convencidos de que o regime soviético é democrático, ainda mais democrático do que o dos Estados Unidos?

Esta ausência de crítica torna possível dizer ao povo que serão homens livres em um sistema de total arregimentação. As pessoas imaginam que um regime no qual todos os meios são propriedade do Estado e em que o governo é o único empregador seja um reino de liberdade. Nunca levam em conta a possibilidade de que o governo todo-poderoso de sua utopia poderia ter como meta fins que eles próprios desaprovam inteiramente. Sempre assumem tacitamente que o ditador fará exatamente o que eles próprios querem que faça. ∞